

“UMA MASSA HUMANA, CONFUSA E CONTÍNUA”: PERCEPÇÕES SOBRE O CORPO, O AMBIENTE E A MEMÓRIA NA OBRA “É ISTO UM HOMEM?” DE PRIMO LEVI

Hana Mariana da Cruz Ribeiro Costa
hm.ribeirocosta@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar e debater a presença e o significado do corpo dentro da obra *É isto um homem?* de Primo Levi, bem como a interação desse elemento humano com os elementos não humanos que o cercam dentro do contexto de exceção gerado pela ocupação nazista. Partindo do ponto de vista de uma História Ambiental que encare a experiência histórica humana em integração com os elementos não humanos do planeta, buscamos aqui compreender os processos de interação entre aqueles corpos, desumanizados, a natureza que os cercava e as percepções construídas sobre esses corpos nas memórias de Primo Levi.

Palavras chave: Natureza; Corpo; Holocausto

Abstract: The present work aims to analyze and debate the presence and meaning of the body within the book *"É isto um homem?"* of Primo Levi, as well as the interaction of this human element with the non-human elements that surround him within the context of exception generated by the Nazi occupation. Starting from the point of view of an Environmental History that faces the human historical experience in integration with the non-human elements of the planet, we seek here to understand the processes of interaction between those dehumanized bodies, the nature that surrounded them and the perceptions built on these bodies in the memories of Primo Levi.

Keywords: Nature; Body; Holocaust

<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>

“Eles povoam minha memória com sua presença sem rosto, e se eu pudesse concentrar numa imagem todo o mal do nosso tempo, escolheria essa imagem que me é familiar: um homem macilento, cabisbaixo, de ombros curvados, em cujo rosto, em cujo olhar, não se possa ler o menor pensamento.”¹

A obra “É isto um homem” de Primo Levi, lançada originalmente em italiano em 1947, é um dos relatos de sobrevivência do Holocausto mais conhecidos da literatura mundial. Essa obra possui elementos que permitem analisar a experiência do holocausto a partir da perspectiva de um sobrevivente do campo de concentração nazista de Auschwitz.

Constituindo-se de um relato pós-trauma, a escrita de Levi traz algumas lacunas de memória ao mesmo tempo em que sensibiliza para os horrores do estado exceção nazista durante a segunda grande guerra. Situado em uma tradição de relatos que buscaram revelar os horrores do holocausto, “É isto um homem?” nos leva a repensar as noções de humanidade, normalmente difundidas nas sociedades ocidentais, e seus limites diante de cenários de privação física e moral.

A obra de Levi nos leva também a uma experiência extremamente biológica e ambiental, em seu aspecto mais visceral, que se personifica nos corpos esqueléticos, e como ressalta o autor, acinzentados, dos internos do campo. Ao longo da leitura, somos capazes de visualizar os corpos desnutridos amontoados, interagindo entre si e com o meio ambiente que os cerca. O presente trabalho tem como objetivo analisar e debater a presença e o significado do corpo dentro da obra de primo Levi, bem como a interação desse elemento humano com os elementos não humanos que o cercam dentro do contexto de exceção gerado pela ocupação nazista.

NARRAR O TRAUMA ATRAVÉS DO AMBIENTE

Em primeiro lugar, é importante destacarmos que a situação vivida pelos sobreviventes da Shoah² constituiu um trauma avassalador individual e coletivo. Nesse sentido os relatos tendem a ficar confusos ou muitas vezes incompletos. Esses silêncios e obstáculos, apresentam-se como um dos desafios enfrentados pelos historiadores ao lidar com a narração do trauma.

Segundo Márcio Seligmann-Silva, narrar o trauma constitui-se de um trabalho atuante em duas frentes: individual e coletivo. Os testemunhos individuais, então, podem constituir-se como fragmentos híbridos das catástrofes que precisam ser encaixados com outros relatos coletivos e outras fontes de pesquisa.³

O crescimento do uso do método da História Oral, característica do pós-guerra, revolucionou as bases da própria historiografia trazendo novas formas de representação

1 LEVI, Primo. É isto um homem?. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. P. 91

2 A palavra bíblica shoah tornou-se o termo hebraico sinônimo de Holocausto.

3 SELIGMANN-SILVA, Marcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (org). História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003. P. 63

do passado para a narrativa histórica. Nesse sentido o individual, pode tornar-se universal, visto que nenhuma memória, assim como nenhuma escolha teórica é neutra:

“No nosso contexto, cabe perguntar em que medida, tomando Auschwitz como um ponto de referência, essa percepção tem a ver com a análise da dialética entre a memória e a História enquanto duas modalidades de relação com o passado. A bem verdade é simples: tem muito a ver. [...] ela é uma mostra do modo como uma determinada política da História atua na construção de uma imagem do passado.”⁴

Esses testemunhos individuais funcionam como um elo entre o narrador e o mundo, e relacionam-se com o tempo, não só dos fatos, mas também com a percepção de quem sofreu o trauma. Seligmann busca em Freud a noção de temporalidade psíquica do traumatizado, que é ressignificada através do testemunho.⁵

Em “É isto um homem?”, podemos observar como a privação de estar integrado ao mundo livre afeta o autor que sempre retorna, em sua mente, a um passado confortável e feliz. Se encararmos o trauma como a memória de um tempo que não passa, cabe ao testemunho dar uma nova dimensão às experiências passadas.

Um relato de trauma é permeado por dores e dúvidas que surgem dos traumatizados. Muitas vezes, esses relatos, quando conseguem escapar através dos labirintos da memória e encontram como saída a imaginação através da literatura.

Temos então as literaturas de testemunho, que no caso do holocausto, ganham uma forte proeminência nas décadas seguintes após a guerra. O testemunho encontra na arte a permissão do luto e o seu florescimento. Para o historiador, significa o momento de revisão daquilo que é real e o que é oficial, dos conteúdos imaginativos. Cabe, então ao pesquisador se utilizar também da imaginação histórica e da dedução lógica, a fim de perceber quando um testemunho está sendo ficcionalizado ou não.⁶

Sendo assim, as tensões entre coletivo e individual, passado e presente, realidade e ficção, são constantes ao se utilizar os testemunhos enquanto fonte de pesquisa. Essas fontes trazem à tona não apenas as percepções de si enquanto vítima do trauma, mas também detalhes do meio em que essas pessoas viveram durante um tempo passado.

A narrativa do trauma de Levi possui características próprias que denotam onde estava o apego de sua memória naquele momento. As sensações corporais de frio e fome e as descrições de seus companheiros de escravidão mostram que o corpo e as noções de humanidade são o centro da experiência do autor ou, pelo menos, daquilo que ele intencionou a colocar no papel. É nessa chave de compreensão que podemos buscar a existência de uma memória ambiental em “É isto um homem?”.

4 Idem. P. 67

5 Idem

6 Segundo o autor, esse é um dos problemas encontrados pelos historiadores que trabalham com a metodologia da História Oral. Ainda no que diz respeito a memórias do trauma, e mais especificamente ao Holocausto, um outro problema que envolve a ficcionalização do testemunho e que está ligado à política da memória é o negacionismo histórico.

A descrição da paisagem, do campo, colocada pelo autor e a maneira de como os corpos se inserem na mesma, mostra que os elementos não humanos presentes na literatura de Levi interagem para além das figuras de linguagem utilizadas pelo autor. A narrativa do trauma em “É isto um homem?” extrapola as páginas do livro, e nos faz concluir que além das palavras, o próprio corpo dos sobreviventes do Holocausto, já é um testemunho.

Analisar o corpo, enquanto metabolismo integrante da natureza e, ao mesmo tempo, instrumento da ação humana na construção da cultura e das suas experiências é afirmar que a história humana possui uma dimensão ambiental. Por essa ótica buscamos compreender os processos de interação entre ambiente, corpos e as percepções construídas sobre os mesmos nas memórias de Primo Levi.

A obra de Primo Levi funciona como a grande mobilizadora da nossa narrativa, através de seus trechos vamos percebendo como o autor enxergava o meio à sua volta, o seu corpo e os corpos de terceiros. Aos poucos, vemos a natureza emergir em sua escrita, ora presente nas manifestações climáticas, ora nas imagens mentais de seus devaneios de fuga daquela dura realidade. Nas palavras de Levi “desejaríamos chamar a atenção sobre o fato de que o Campo foi também (e marcadamente) uma notável experiência biológica e social”.⁷ Essa experiência biológica se manifestou como o contato extremo com os processos naturais externos e internos do corpo.

A convivência dos seres humanos com os processos biofísicos do meio tem muito a dizer sobre a nossa experiência histórica.⁸ Partimos aqui do princípio de que toda a experiência humana sobre a terra expressa-se a partir de atos biológicos que produzem as relações sociais e culturais. Assim, existe um diálogo permanente e complementar entre cultura, política, economia e natureza.

As relações entre as sociedades humanas e a natureza devem ser analisadas em todos os seus níveis, onde a última deve ser retirada de uma perspectiva cênica e idealizada e colocada em constante mutação. Para uma análise mais sofisticada, e menos dualista, a História Ambiental se vale de categorias analíticas de diversas áreas do conhecimento como as ciências naturais e sociais.

Ao refletir sobre o papel e o lugar da natureza na vida humana⁹, a História Ambiental também se volta para o próprio homem como parte da natureza, que ao mesmo tem que a integra, aprende com a mesma. Ao encararmos o corpo humano como um corpo natural, composto por elementos e funções biológicas, também estamos o encaixando dentro da natureza. Ao encararmos esse mesmo corpo como o instrumento da ação humana sobre o mundo físico, encaixamos a natureza na experiência histórica.

Desta feita, onde podemos encontrar a experiência biológica destacada por Primo Levi em sua obra?

⁷ LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 255. P. 88

⁸ PÁDUA, José A. As bases teóricas da História Ambiental. *In: Revista Estudos Avançados*. v.24, n.68, 2010.

⁹ WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, dez. 1991.

MEMÓRIA E CORPOS EM PRIMO LEVI

“Pensem bem se isto é uma mulher, sem cabelos e sem nome, sem mais força para lembrar, vazios os olhos, frio o ventre, como um sapo no inverno.”¹⁰

A comparação da mulher a um sapo nas páginas iniciais da obra de Primo Levi mostra a ideia inicial do autor de revelar o nível de desumanização causada pela experiência do holocausto. A ideia de homens como animais aparece repetidamente em toda a leitura e denota uma experiência com o mundo natural na memória do autor.

Ao ler as memórias de Levi a animalização das pessoas concentradas nos campos é uma constante. Essa desumanização fazia parte do projeto nazista de eugenia, e ficava clara nas condições de higiene, alimentação e trabalho que foram colocadas em todos os campos de concentração espalhados pela Europa.

“Mordo fundo meus lábios; bem sabemos que provocar-se uma pequena dor acessória pode servir de estímulo para juntar as extremas reservas de energia. Também os Kapos sabem disso; alguns deles nos surram por pura brutalidade; outros, porém, surram-nos quando estamos debaixo da carga quase carinhosamente, acompanhando os golpes com exortações e incitamentos, assim como fazem os carroceiros com seus esforçados cavalos.”¹¹

A constante comparação com o tratamento que é dado aos internos do campo a animais, mostra uma oposição entre elementos humanos e não humanos. Essa primeira emergência de uma presença de natureza nos relatos do autor, ainda que superficial, é a chave para se compreender outras percepções ambientais vivenciadas por Levi em Auschwitz.

A emergência da natureza em “É isto um homem?” não se resume a essas metáforas, ela vai além. A descrição do ambiente dos barracões; os corpos doentes e com sarna; o cotidiano da alimentação, e a falta da mesma; as emoções sentidas pelos prisioneiros em relação às mudanças climáticas e até o ato de defecar também constituem experiências histórico ambientais, se levarmos em conta o corpo humano como um corpo natural.

Os campos de concentração podem ser encarados como um metabolismo¹², em sua dimensão social, que produz e excreta, e que tem no centro de sua produção os corpos dos prisioneiros, que são considerados pelas ideias eugenistas nazistas, corpos tóxicos¹³.

Os prisioneiros do campo e seus corpos, com características a parte do que a ideologia racista do nazismo pregava, deveriam ser explorados e eliminados. Um elemento que torna esse metabolismo social tão diferenciado, e uma exceção, é que os corpos dos prisioneiros, ainda que considerados não desejáveis para a sociedade, eram o alicerce da

10 LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. P. 9

11 Idem. P. 65.

12 Sobre a teoria do metabolismo social, ler: MOLINA, Muel González de. TOLEDO, Víctor M. *The social Metabolism. A socio-ecological theory of historical change*. Londres: Springer. 2014.

13 SEDREZ, Lise Fernanda. *O corpo na História Ambiental: de corpos d'água a corpos tóxicos*. In: SEDREZ, Lise Fernanda. ANDRADE, Marta Mega de. (orgs.) *Corpo: sujeito, objeto*. Rio de Janeiro: Ponteio.

lógica do extermínio nazista. Esses corpos estavam no centro do sistema de produção dos campos visto que eram, ao mesmo tempo, o combustível e o rejeito para o seu funcionamento.

A emergência dos corpos na historiografia ambiental pode ser dividida em 5 fases distintas.¹⁴ Ora aparecendo apenas como vetores de doenças, ora como parte de um todo biológico e cultural; o corpo é o elemento chave que insere o homem dentro da própria natureza. Nesse sentido, analisar a experiência corporal em “É isto um homem?”, pelo viés da história ambiental, é coletar elementos de todas essas fases.

Ao tratar de corpos preteridos pela eugenia nazista, trancafiados em um espaço precário, explorados à exaustão e massivamente exterminados podemos destacar a não homogeneidade dos mesmos. Essa concepção, vinda da primeira fase dos estudos sobre corpo que envolvem gênero, mostram que o impacto das condições a que corpos femininos são submetidos nos campos de concentração diferem-se dos impactos sobre os corpos masculinos.¹⁵

Levando em consideração o trabalho como o principal mediador entre o homem e a experiência biológica nos campos, é possível analisarmos esses ambientes de trabalho como um sistema ecológico, dotado de um funcionamento próprio onde o corpo explorado está em seu centro.¹⁶ Destacamos aqui, primeiramente, que essa experiência biológica é construída sobre o trauma, e que precisamos retirar qualquer concepção cênica de natureza dessa experiência. Em segundo lugar, que não opomos trabalho e natureza, e que existe uma “experiência corpórea”¹⁷ em todo trabalho humano que transforma o ambiente.

Primo Levi ficou aprisionado em um campo de trabalho forçado. Sua primeira experiência em um comando¹⁸ era em trabalhos pesados que exigiam força física. Só depois ele é manejado para uma indústria química dentro do complexo, onde consegue exercer, ainda que remotamente, sua profissão de químico e um trabalho menos pesado. Suas primeiras experiências são extremamente dolorosas. Em toda sua narrativa, o trabalho surge como o centro da vida no campo, ora momento de martírio, ora como uma dolorosa distração para a realidade do lugar.

No trabalho, que geralmente é ao ar livre, é onde percebemos a interação do corpo com a natureza, e onde conseguimos perceber o quanto esse corpo também é natural.

“Depois fomos embora, cada qual com a sua alavanca, caudicando na neve que ia se derretendo. A cada passo, mais um pouco de neve e barro grudava-se nas

¹⁴Sedrez, a partir do trabalho de Neil Maher enumera as 5 principais fases do estudo do corpo dentro da História Ambiental. Para mais ver: SEDREZ, Lise Fernanda. O corpo na História Ambiental: de corpos d'água a corpos tóxicos. In: SEDREZ, Lise Fernanda. ANDRADE, Marta Mega de. (orgs.) Corpo: sujeito, objeto. Rio de Janeiro: Ponteio.

¹⁵Idem. P. 11

¹⁶Idem. P. 12

¹⁷Termo trabalho por White e melhor explicado por Sedrez em: SEDREZ, Lise Fernanda. O corpo na História Ambiental: de corpos d'água a corpos tóxicos. In: SEDREZ, Lise Fernanda. ANDRADE, Marta Mega de. (orgs.) Corpo: sujeito, objeto. Rio de Janeiro: Ponteio.

¹⁸Os comandos ou komandos eram os grupos de trabalho dos prisioneiros do campo. Eram liderados por um Kapo, um chefe encarregado, que geralmente era um outro prisioneiro do campo.

solas de madeira, até que acabávamos caminhando vacilantes por cima de dois aglomerados disformes, dos quais não havia jeito de nos livrar. E se, de repente, um deles se soltava, era como se uma perna ficasse um palmo mais curta que a outra.”¹⁹

A neve e a lama, aparecem como obstáculos naturais que castigavam os corpos cansados dos prisioneiros do campo, dificultavam o trabalho e os tornavam vulneráveis. Mesmo que o autor se valha de uma narrativa de oposição à natureza, é possível perceber o trabalho como ferramenta de modificação do homem sobre o ambiente.²⁰

É através do trauma das condições de trabalho que Levi experimenta, e aprende a lidar com a natureza. Essas conexões entre natureza e trabalho precisam ser reexaminadas, pois colaboram para uma compreensão de como os diferentes agentes históricos em diferentes contextos experienciam e aprendem sobre o meio ambiente.²¹

Corroboramos aqui com a ideia de que o conhecimento humano sobre a natureza é fruto do trabalho empenhado sobre a mesma ao longo dos séculos. Logo, “não podemos compreender de fato a natureza sem também compreender nosso próprio trabalho, nossos próprios corpos, nosso próprio trabalho corporal”.²² Quando tratamos de um trabalho forçado, em um regime de escravidão e desumanização essas experiências biológicas ficam mais sensíveis, como percebemos a todo tempo nos relatos de Levi.

Essa “experiência corpórea” da natureza de White, aqui tratada em seu aspecto negativo, também fica muito clara quando Primo Levi relata as interações entre o clima e os prisioneiros. Entre os horrores dos campos de concentração, estão as condições em que as pessoas eram deixadas, principalmente em relação às vestimentas. Durante o inverno europeu as únicas vestes eram o uniforme listrado, um casaco leve e os tamancos de madeira.

“Se eu pudesse dar dez passos para a esquerda estaria ao abrigo, há lá um alpendre. Já me contentaria com um saco para cobrir-me os ombros ou só com a esperança de uma fogueira onde me secar ou de um trapo enxuto para pôr entre a camisa e a pele. Penso nisso, entre um movimento e outro da pá; sim, creio mesmo que dispor de um trapo seco seria, concretamente, a felicidade. Mais molhado do que isso, impossível; só posso tratar de me mover apenas o indispensável e, acima de tudo, não fazer movimentos diferentes, para evitar que uma nova porção de pele fique em contato com a roupa encharcada e gélida.”²³

A sensação de congelamento era uma constante, e o frio era mais um dos inimigos que atentavam contra a vida dos prisioneiros. A chegada do inverno era motivo de preocupação, sobreviver a ele uma vitória e a primavera uma espera.

19 LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. P. 66

20 WHITE, Richard. “Você é um ambientalista ou trabalha para se sustentar?”: trabalho e natureza. *Topoi, Revista de História*, v. 14, n. 27, p. 472 – 491, jul/dez. 2013. p.179

21 WHITE, Richard. “Você é um ambientalista ou trabalha para se sustentar?”: trabalho e natureza. *Topoi, Revista de História*, v. 14, n. 27, p. 472 – 491, jul/dez. 2013. p.179

22 Idem. P. 474

23 LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. P. 133

“Hoje, pela primeira vez, o sol nasceu vivo e nítido por cima do horizonte de lama. É um sol polonês, frio, branco e longínquo, esquenta apenas a pele, mas, quando se libertou das últimas brumas, um sussurro correu pela nossa pálida multidão, e quando eu também senti sua tepidez através da roupa, compreendi como é que se pode adorar o sol.”²⁴

É nessa alegria do fim do inverno e do início de uma estação mais quente, que percebemos o quanto o corpo daqueles homens e mulheres possui uma relação complementar com a natureza que os cerca. A primavera e a presença do sol, além de esquentar os corpos, influenciava no humor dos presos ao renovar esperanças de mais um ano de sobrevivência. Além do mais, o fato de não terem que trabalhar debaixo de chuva ou nevasca era um alívio.

“- Das Schlimmste ist vorlÜber- diz Ziegler, erguendo no sol os magros ombros: o pior já passou. Ao nosso lado está um grupo de gregos, esses admiráveis e terríveis judeus Saloniki, teimosos, ladrões, ferozes e solidários, tão decididos a continuar vivendo e tão implacáveis na luta pela vida; esses gregos que prevaleceram, nas cozinhas e na fábrica, e que até os alemães respeitam e os poloneses temem. Estão em seu terceiro ano de Campo, ninguém melhor do que eles sabe o que é o Campo; agora, reunidos em círculo, ombro a ombro, cantam uma dessas suas cantilenas sem fim.”²⁵

Esse trecho é fundamental para entendermos a relação complementar entre os processos naturais e as sociedades humanas. A alegria do esquentar do sol trouxe à tona um momento de integração. A manifestação cultural desses judeus gregos a partir da troca de uma estação do ano, é uma prática antiga de diversas civilizações, um ato considerado ordinário e comum, e que ali nas condições do campo de concentração é ressignificado.

A construção de experiências culturais ou econômicas a partir da interação com a natureza, também fica expressa quando o autor fala da fome dentro do campo. A única refeição quente do dia, se constituía de uma sopa rala, que muitas vezes chegava estragada. A presença da fome é uma constante e se expressa no definhamento do corpo.

“E, mais uma vez, as coisas de sempre: corremos para a barraca, formamos fila estendendo as gamelas, todos temos uma urgência animal de despejar em nossas vísceras a quente mistura; ninguém, porém, quer ser o primeiro, porque toca ao primeiro a ração mais líquida. Como sempre, o Kapo debocha de nós, insulta-nos por causa da nossa voracidade e nem pensa em remexer na sopa, porque o fundo espesso ficará para ele. Logo vem a beatitude da barriga cheia, quente, no calor do barraco ao redor da estufa barulhenta. Os que fumam, com gestos avaros e devotos, enrolam um magro cigarro; as roupas, úmidas de barro e de neve, fumegam na frente da estufa, com cheiro de canil e rebanho.”²⁶

De todas as experiências vividas por Primo Levi dentro do campo, acredito ser a mais traumática. Ela acompanha toda a sua trajetória e a de seus companheiros de

24 Idem. P. 71

25 Idem. P. 71

26 Idem P. 71

martírio. Ela faz parte do seu próprio corpo natural, regula comportamentos e até os sonhos e devaneios. Nas palavras do próprio Levi, “como poderíamos pensar em não ter fome? O Campo é a fome; nós mesmos somos a fome, uma fome viva”²⁷

O ato biológico da alimentação, nas condições mais adversas que ali estavam presentes, fez com que as pessoas criassem mecanismos de associação e uma lógica econômica dentro dos campos de concentração. Como colocou Levi, existia um verdadeiro mercado de contrabando de alimentos e de compra e venda de camisas.

“Vagam aqui, às dezenas, de lábios entreabertos e olhos alucinados, os desesperados de fome, que um instinto falaz leva onde as mercadorias expostas tornam mais aguda a mordida do estômago e mais ativa a salivação. Estão munidos, no melhor dos casos, da miserável meia ração de pão que, com esforço doloroso, pouparam desde a manhã, na absurda esperança de que apareça a pechincha de uma troca vantajosa com algum ingênuo que não esteja a par das cotações do dia. Alguns deles, com paciência feroz, compram, por essa meia ração, um litro de sopa e logo, distanciando-se dos demais, dela pescam os poucos pedaços de batata do fundo; logo, trocam outra vez a sopa pelo pão, e o pão por mais um litro a ser “desnatado”, e assim por diante, até a exaustão dos nervos ou até que um dos prejudicados os apanhe com as mãos na massa e lhes dê uma boa lição, expondo-os ao vexame público. Pertencem à mesma categoria os que vêm à Bolsa para vender a sua única camisa”²⁸

A sociabilidade da fome expressa bem a interação entre esse corpo natural e a construção de experiências históricas. Não só a criação de uma economia local demonstra isso, como também na própria diferenciação dos internos entre aqueles que tinham acesso às melhores porções de sopa ou a uma quantidade maior de pão.

Essas trocas comerciais e de influência dentro dos campos de concentração demonstram a ressignificação de costumes através de uma experiência biológica extrema. Em todas elas o corpo aparece como um mediador entre os elementos culturais e os naturais presentes na narrativa de Levi. Na verdade, o corpo é mais que um mediador, ele é ao mesmo tempo o próprio testemunho da resistência e o alvo do controle eugenista nazista.

O corpo e o trabalho são elementos fundamentais para tentar absorver a experiência vivenciada por Levi em Auschwitz. A memória ambiental contida em “É isto um homem?” passa pela descrição desses corpos e pelo trauma a que foram submetidos. A relação entre as experiências naturais e culturais vive sob constante tensão durante a narrativa de Levi.

O campo de concentração se mostrava como um mundo à parte do real, uma excepcionalidade, onde todas as necessidades ficavam mais aparentes e urgentes, ao mesmo tempo em que a vida tornava-se mais precária e desfigurada em seus aspectos culturais. Porém, era na sensação de sol quente na pele que provocava a necessidade de

27 Idem P. 74

28 Idem P. 79

cantar, ou em uma ração de pão dormido compartilhada com alguns companheiros, que os laços de humanidade e resistência se renovavam.

Inicialmente tendemos a interpretar que as experiências biológicas são inversamente proporcionais às experiências sociais, gerando a desumanização dos presos. Porém, em uma leitura mais atenta é na experiência biológica radical onde acontecia a desumanização, e ao mesmo tempo é onde se lembrava da humanidade e se celebrava a sobrevivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LEVI, Primo. **É isto um homem?**. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- MOLINA, Muel González de. TOLEDO, Víctor M. **The social *Metabolism*. A socioecological theory of historical change**. Londres: Springer. 2014.
- PÁDUA, José A. As bases teóricas da História Ambiental. **Revista Estudos Avançados**. v.24, n.68, 2010.
- SEDREZ, Lise Fernanda. O corpo na História Ambiental: de corpos d'água a corpos tóxicos. In: SEDREZ, Lise Fernanda.
- ANDRADE, Marta Mega de. (orgs.) **Corpo: sujeito, objeto**. Rio de Janeiro: Ponteio.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (org). **História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Unicamp, 2003.
- WHITE, Richard. “Você é um ambientalista ou trabalha para se sustentar?”: trabalho e natureza. **Topoi, Revista de História**, v. 14, n. 27, p. 472 – 491, jul/dez. 2013.
- WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, dez. 1991.

Hana Mariana da Cruz Ribeiro Costa: Doutoranda em História Social (PPGHIS) na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e Mestra em Ciências Sociais (CPDA) pela Universidade Federal Rural Do Rio de Janeiro - UFRRJ. Professora do Pré-Vestibular da Fundação CECIERJ/CEDERJ e integrante do LabHeN (Laboratório de História e Natureza da UFRJ. Se interessa pelos temas de História Social do trabalho e História Ambiental. Atualmente pesquisa as relações entre natureza, trabalho humano e industrialização na Região dos Lagos Fluminense.